

Suvenir de Lévy - Comunicação, memória e hipermídia

Carlos Alexandre de Carvalho Moreno*

RESUMO

O pensamento de Pierre Lévy redimensiona a problematização do tema da memória, no campo da comunicação contemporânea, em função do emprego original de conceitos como "hipertexto" e "ecologia cognitiva". Para o sociólogo francês, a cibercultura é caracterizada por uma "inteligência coletiva", cujo papel central seria a constituição e manutenção dinâmica de memórias comuns.

Palavras-chave: semiologia; hipermídia; cultura.

SUMMARY

Pierre Lévy's thought measures again the problematic theme of memory, in the post-modern field of communication, in relation to the original concepts of "hyper-text" and "cognitive ecology". To the French Sociologist, the cyber culture is characterized by a "collective intelligence" whose role would be the creation and the dynamic maintenance of the memories in common.

Keywords: semiology; hypermedia; culture.

RESUMEN

El pensamiento de Pierre Lévy redimensiona la problematización del tema de la memoria, en el campo de la comunicación contemporánea, en función del empleo original de conceptos como "hipertexto" y "ecología cognitiva". Para el sociólogo francés, la cibercultura se caracteriza por una "inteligencia colectiva", cuyo papel central sería la constitución y mantenimiento dinámica de memorias comunes.

Palabras-llave: semiología; hipermedia; cultura.

Comunicar: estar em relação, estar ligado por uma passagem comum; estar em contato com alguém.

O tema comunicação e memória parece um irresistível convite a considerar elementos do pensamento de Pierre Lévy, sociólogo, historiador da ciência e professor do Departamento de Hipermídia da Universidade de Paris VIII.

De acordo com Lévy¹, o social, os seres vivos e os processos cognitivos são, cada vez mais, concebidos através de uma matriz de leitura informática. Trata-se de uma época limítrofe caracterizada por imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. O campo da comunicação, por exemplo, sofre um processo de unificação: a constituição da rede digital, que representa uma dissolução de fronteiras entre os setores.

Elogiando o fato de, apesar dos pesares, a teoria da comunicação ter sempre sugerido uma ontologia baseada em acontecimentos puramente relacionais, o pensador propõe uma teoria hermenêutica da comunicação, que tem a significação como centro de suas preocupações. Ele supõe antes de mais nada que o contexto é o próprio alvo dos atos de comunicação. Assim, o jogo da comunicação é precisar, ajustar e transformar, através de mensagens, o contexto compartilhado pelos parceiros. Emergente e construído no contexto, o sentido é sempre visto como local, datado, transitório. "O que é a significação? Ou, antes, para abor-

dar o problema de um ponto de vista mais operacional, em que consiste o ato de atribuir sentido? A operação elementar da atividade interpretativa é a associação; dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto. É sabido que pessoas diferentes irão atribuir sentidos por vezes opostos a uma mensagem idêntica. Isto porque, se por um lado o texto é o mesmo para cada um, por outro, o hipertexto pode diferir completamente. O que conta é a rede de relações pela qual a mensagem será capturada, a rede semiótica que o interpretante usará para captá-la." (Lévy, 1993, p.72)

O objeto principal dessa teoria hermenêutica da comunicação é, portanto, o hipertexto, como reserva ecológica, sistema sempre móvel das relações de sentido mantidas pelos textos precedentes. Dito de outro modo, os hipertextos são mundos de significação, universos de sentido construídos pelos atores da comunicação ou pelos elementos de uma mensagem, constituindo uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo. O hipertexto é organizado em um modo fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante, indefinidamente, ao longo da escala dos graus de precisão.

No grande hipertexto social que é a cultura, Lévy procura construir uma ecologia cognitiva, que é o pensamento do pensamento. Em termos de ecologia cognitiva, configura-se um mundo

matizado, misturado, no qual efeitos de subjetividade emergem de processos locais e transitórios: "Trabalhar, viver, conversar fraternalmente com outros seres, cruzar um pouco por sua história, isto significa, entre outras coisas, construir uma bagagem de referências e associações comuns, uma rede hipertextual unificada, um contexto compartilhado, capaz de diminuir os riscos de incompreensão." (Ibidem)

O fundamento transcendental da comunicação - compreendida

como partilha do sentido - é justamente esse contexto ou este hipertexto partilhado. Mais uma vez, é preciso inverter completamente a perspectiva habitual segundo a qual o sentido de uma mensagem é esclarecido por seu contexto. Poder-se-ia dizer que o efeito de uma mensagem é o de modificar, complexificar, retificar um hipertexto, criar novas associações em uma rede contextual que se encontra sempre anteriormente dada.

Tempo e memória

"Quando eu finalmente aprendi a escrever, achei que era importante 'guardar' as histórias e aí passei a anotar tudo num caderno."

Lygia Fagundes Telles

A cultura informático-mediática é portadora de um certo tipo de temporalidade social: o tempo real. Tal noção, inventada pelos informatas, resume a característica principal do espírito da informática: a condensação no presente, na operação em andamento. É o tempo pontual das redes de informática, cujo devir é a velocidade: "Se a humanidade construiu outros tempos, mais rápidos e violentos que os das plantas e animais, é porque dispõe deste extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações que é a linguagem." (Lévy, 1993, p.76)

Segundo Pierre Lévy, a "memória humana (...) é extremamente sensível

aos processos elaborativos e à intensidade dos processamentos controlados que acompanham a codificação das representações". (Idem, p.81) Para a psicologia cognitiva contemporânea, não há apenas uma, mas diversas memórias, funcionalmente distintas: "A

memória de curto prazo, ou memória de trabalho, mobiliza a atenção. Ela é usada, por exemplo, quando lemos um número de telefone e o anotamos mentalmente até que o tenhamos discado no aparelho. A repetição parece ser

a melhor estratégia para reter a informação a curto prazo. A memória de longo prazo, por outro lado, é usada a cada vez que lembramos de nosso número de telefone no momento oportuno. Supõe-se que a memória declarativa de longo prazo é armazenada em uma única e imensa rede associativa, cujos elementos difeririam somente quanto a seu conteúdo informacional e quanto à força e número das associações que os conectam." (Idem, p.78)

Lévy percebe três grandes etapas da história, caracterizadas por transformações nas ecologias das mídias. Para explicá-las, o pensador recorre às categorias de universal e totalidade. O universal significa a presença virtual da humanidade diante de si mesma. Ele abriga o aqui e agora da espécie, seu ponto de encontro, um aqui e agora paradoxal, sem local nem tempo claramente assinaláveis. Já a totalidade é a unidade estabilizada do sentido de uma diversidade, ou seja, um universo semântico integrado.

A primeira etapa é a das pequenas sociedades fechadas, de cultura oral, que viviam numa totalidade sem universal, uma vez que os limites da memória humana "restringiam a envergadura do tesouro às recordações e ao saber de um grupo de anciões". "A oralidade primária remete ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita. Na oralidade primária, a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e

não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana. Numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificada com a memória, sobretudo com a auditiva." (Idem, p.77)

A segunda etapa é a das sociedades "civilizadas", imperiais, com base na escrita, que fizeram surgir um universal totalizante. A palavra escrita e, posteriormente, a imprensa trouxeram uma possibilidade indefinida de memória social. "A escrita permite uma situação prática de comunicação radicalmente nova. Pela primeira vez os discursos podem ser separados das circunstâncias particulares em que foram produzidos. Os hipertextos do autor e do leitor podem portanto ser tão diferentes quanto possíveis." (Idem, p.89)

O autor de *As tecnologias da inteligência* comenta que "à medida que passamos da ideografia ao alfabeto e da caligrafia à impressão, o tempo torna-se cada vez mais linear, histórico". (Idem, p.94). Os calendários, datas, anais, arquivos, ao instaurarem referências fixas, teriam permitido o nascimento da história como gênero literário. Para Lévy, portanto, a própria história é efeito da escrita.

O terceiro grande estágio de evolução seria o da cibercultura, correspondente à mundialização concreta das sociedades, em que é inventado um universal sem totalidade. De acordo com Lévy, o ciberespaço engendra uma cultura do universal, porque sua forma ou sua idéia implica, de direito, o conjunto dos seres humanos. Ao mesmo tempo, ele oferece objetos que rolam entre os grupos, memórias compartilhadas, hipertextos comunitários para a constituição de coletivos inteligentes: "A memória separa-se do sujeito ou da comunidade tomada como um todo. O saber está lá, disponível, estocado, consultável, comparável. (...) A objetivação da memória separa o conhecimento da identidade pessoal ou coletiva." (Idem, p.95)

O espaço cibernético, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, constituiria um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva,

outro conceito fundamental do pensamento de Pierre Lévy. O papel central de tal inteligência seria “a criação de uma sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmica de memórias comuns, a ativação de modos de cooperação ágeis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão”. (Lévy, 1997, p.5-3)

Paralelamente, segundo o pensador, o ciberespaço dissolveria “a pragmática da comunicação que, desde a invenção da escrita, havia conjugado o universal e a totalidade”. (1997a, p.5-3) Ele reconduziria, numa outra órbita, a uma situação anterior à escrita: a interconexão e o dinamismo em tempo real das memórias em rede fazem “com que o mesmo contexto, o imenso hipertexto vivo, seja compartilhado pelos integrantes da comunicação. A interconexão generalizada, utopia mínima e motor primeiro do crescimento da Internet, emerge como uma nova forma do universal” (ibidem), que passa, então, a reunir pelo contato, pela interação geral.

Uma comunidade virtual seria construída precisamente sobre “afinidades de interesses ou de conhecimentos, sobre a comunhão de projetos, num processo de cooperação e de troca - e isto independentemente das proximidades geográficas ou vínculos institucionais”. (Lévy, 1997b, p.5) Essas comunidades conseguiriam uma verdadeira atualização (no sentido de pôr efetivamente em contato) de grupos humanos que eram somente potenciais antes do advento do ciberespaço. Lévy explica ainda que “comunidade atual seria, no fundo, muito mais própria para descrever os fenômenos de comunicação coletiva no ciberespaço do que comunidade virtual”. (Ibidem)

Conclusão

Pierre Lévy lembra que um novo estágio de evolução cultural não faz desaparecer os precedentes: ele os relativiza, acrescentando-lhes dimen-

sões suplementares. É fácil verificar, por exemplo, que a maior parte dos conhecimentos em uso atualmente na vida cotidiana foi transmitida oralmente e, muitas vezes, sob a forma de narrativa (histórias de pessoas, de famílias ou de empresas): “A persistência da oralidade primária nas sociedades modernas não se deve tanto ao fato de que ainda falemos (o que está relacionado com a oralidade secundária), mas à forma pela qual as representações e as maneiras de ser continuam a transmitir-se independentemente dos circuitos da escrita e dos meios de comunicação eletrônicos.” (Lévy, 1993, p.84)

Em resumo, a história da humanidade contada por Pierre Lévy indica uma extraordinária evolução das tecnologias da inteligência: “Sob o regime da oralidade primária, quando não se dispunha de quase nenhuma técnica de armazenamento exterior, o coletivo humano era um só com sua memória. A sociedade histórica fundada sobre a escrita caracterizava-se por uma semi-objetivação da lembrança, e o conhecimento podia ser em parte separado da identidade das pessoas, o que tornou possível a preocupação com a verdade subjacente, por exemplo, à ciência moderna. O saber informatizado afasta-se tanto da memória (este saber ‘de cor’), ou ainda a memória, ao informatizar-se, é objetivada a tal ponto que a verdade pode deixar de ser uma questão fundamental, em proveito da operacionalidade e velocidade.” (Idem, p.119)

Mas esse mundo novo da hiper-mídia é, para o sociólogo francês, certamente

admirável: “Com a cibercultura, exprime-se a aspiração à construção de um liame social, que [se fundaria] na reunião ao redor de centros de interesses comuns, no jogo, na comunhão do saber, no aprendizado cooperativo, nos processos abertos de colaboração. O apetite pelas co-

munidades virtuais depara-se com um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre.” (Lévy, 1997b)

Notas

¹ Conferir principalmente LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

Bibliografia

- LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. “O digital e a inteligência coletiva”. In: Folha de S. Paulo, Mais!, 6/7/97, p.5-3.
- _____. “A globalização dos significados”. In: Folha de S. Paulo, Mais!, 7/12/97a, p.5-3.
- _____. “A ‘netiqueta’ do ciberespaço”. In: Folha de S. Paulo, Mais!, 9/11/97b, p.5-3.
- TELLES, Lygia Fagundes. Cadernos de literatura brasileira, n.5. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, março, 1998, p.28.

** Doutor em Semiologia pelo Programa de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ e Professor Adjunto do Departamento de Jornalismo da FCS/UERJ.*